

DEKASSEGUI

TRABALHADORES NIPO-BRASILEIROS NO JAPÃO

Elisa Massae Sasaki*

O TERMO DEKASSEGUI E SUA MUDANÇA DE CONOTAÇÃO

O termo japonês **dekassegui** diz respeito às pessoas que vão trabalhar fora da residência. Nos tempos remotos, era empregado aos emigrantes do Norte e Nordeste do Japão que se dirigiam para as regiões mais desenvolvidas como Tokyo e Osaka, à procura de trabalho. Este mesmo termo é empregado no fenômeno em estudo, que é a ida (ou a volta?) dos descendentes de japoneses para o país de origem. Chamaremos de Nikkei todos aqueles descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

No início do fenômeno, em meados da década de 80, o termo dekassegui era empregado com um tom pejorativo. O indivíduo que ia como dekassegui implicava em dizer que ele se encontrava em extrema dificuldade e ia ao Japão sob condições ilegais ou clandestinas, submetendo-se a atividades braçais em indústrias recusadas pelos nativos (japoneses), que são trabalhos caracterizados pelo trinômio pesado-sujo-perigoso. Sendo assim, o indivíduo procurava não anunciar para ninguém sobre a sua partida ao Japão. Mas no decorrer do tempo, quando começou a se avolumar e massificar a ida de nikkeis ao Japão como mão-de-obra barata, a conotação do termo dekassegui começa a sofrer alterações. Diante deste quadro, os nikkeis enxergavam a ida ao Japão como uma alternativa para driblar a crise brasileira. Isso chega ao ponto de se estranhar aqueles que se recusassem a ir trabalhar como mão-de-obra barata no Japão.

Podemos pensar que esta mudança



Foto: Arquivo pessoal da família Takashi

de conotação do termo Dekassegui perpassa pela questão da legitimidade acompanhada de legalidade à medida que o fluxo começa a se avolumar, sendo uma das formas de a colônia nipo-brasileira se posicionar diante de uma situação que tendia a crescer. Começaram a procurar o lado positivo deste fluxo, alegando que seria uma boa oportunidade de os nikkeis conhecerem a sua terra de origem, ver a cultura e o país de seus antepassados mais de perto, trazendo de volta certas noções ou valores que seriam importantes para a manutenção da colônia japonesa.

Acredito que o outro lado da moeda também é pensado, sob o mesmo raciocínio. Uma vez que o nikkei entra em contato com a cultura japonesa em si, isto é, diferente daquela que imaginava ou ouvia dizer aqui no Brasil antes de partir, ele

começa a questionar e talvez até mesmo reconsiderar os valores brasileiros. Em outras palavras, na mesma medida que a ida ao Japão pode trazer ao nikkei os valores japoneses (não sei até que ponto eles podem ser chamados de autênticos ou então originários, uma vez que o Japão hoje está mergulhado num processo de internacionalização) eles podem trazer à tona, ou sentir, ou visualizar melhor as noções brasileiras que tinham. A colônia nipo-brasileira, acredito que espera trazer os valores que eles tinham na década de 20/30 quando veio a imigração japonesa. Isto é, longe da realidade japonesa que se encontra dentro de um processo de mudança muito grande, a colônia nipo-brasileira vive num tempo e espaço que ela mesma criou, que não necessariamente correspondem aos do Japão. Com isso não

quero dizer que a colônia se ilude ao raciocinar dessa forma. Pelo contrário, a sua manutenção pode estar exatamente na conscientização de que a fonte em que se alimenta - a realidade japonesa - está continuamente em mudança. Isso pode, sim, trazer-lhe vitalidade, desde que tenha claro que todos estão mergulhados em uma dinâmica de mudanças.

É neste sentido que existe uma idéia de legitimidade na mudança de conotação do termo Dekassegui, além da legalidade em termos legislativos, dada através da nova Lei de Controle de Imigração em junho de 1990. Sobre isso, penso que o que veio a culminar nesta reforma legislativa, foi o processo desencadeado, ou seja, a tendência de crescimento do fluxo de dekassegus ao Japão, chamando a atenção das autoridades governamentais (Brasil e Japão).

NOVA LEI DE CONTROLE DE IMIGRAÇÃO - 1990

Após a reformulação legislativa, com a criação da Lei de Controle de Imigração em junho de 1990, houve uma abertura que facilitou a entrada de nikkeis. Com isto, os trabalhadores nikkeis puderam sair da clandestinidade e massificar o fluxo migratório, que hoje pode ser considerado o segundo maior do Brasil (girando em torno de 150.000), perdendo apenas para a emigração aos EUA (em torno de 360.000).

A obtenção de vistos de permanência no Japão ficou mais fácil aos nisseis (descendentes de japoneses da 2ª geração, isto é, 1º filhos de japoneses nascidos fora do Japão). Tal facilidade de obtenção permite aos nisseis fazer qualquer coisa no Japão - estudar, trabalhar, passear, etc. Para a geração de sanseis (os netos de japoneses nascidos no Brasil) em diante, a burocracia é maior.

Os mais jovens compunham uma boa parte do volume do fluxo pois agora existem vários níveis de "tranquilidade" que antes não havia: tem a proteção legislativa ou a legalidade cuja finalidade é prevenir a exploração ilícita por parte dos agenciadores (intermediários) ou maus empregadores; equipararam-se as condições

de trabalho às dos japoneses; criou-se um sistema de regularização de trabalho nikkei no Japão, o que dispensa a intervenção de terceiros na procura e obtenção de empregos. Além disso, muitos conhecidos e/ou parentes já foram anteriormente e já fizeram uma espécie de "reconhecimento do terreno" o que tranquiliza os familiares para mandar os seus entes mais jovens.

À medida que se massifica o fluxo de nikkeis trabalhadores ao Japão, cria-se um estado de segurança que vai desde a tranquilidade familiar em nível individual, criação de um mercado local pelos próprios nikkeis tendo como público principal os trabalhadores brasileiros (citando alguns exemplos, surgimento de restaurantes brasileiros, lojas que têm vendedoras que falam português, creches onde os próprios nikkeis cuidam das crianças, circulação de jornal criado pelos próprios nikkeis) até a criação de instituições ou centros de apoio, de atendimento, de informações e de orientação junto aos órgãos municipais (em cidades, como Hamamatsu, onde havia maior concentração destes trabalhadores nikkeis), culminando na emergência da Lei de Controle de Imigração. Por um lado, todo este aparato de apoio contribuiu para a ida de nikkeis ao Japão de modo bastante facilitado. Mas por outro, estas facilidades e massificação do fluxo trouxe vários tipos de problemas que não existiam até então. Tais problemas são de natureza social, tais como conflitos entre os trabalhadores estrangeiros, no caso os nikkeis brasileiros e a população local. Citando um exemplo: sabendo que estavam protegidos pela lei, os jovens nikkeis andavam em grupos pelas ruas perturbando a vizinhança. Houve relatos em entrevistas com a população local de que antes da Lei da Imigração, os trabalhadores (não só nikkeis brasileiros) eram mais comportados pois sabiam que se fizessem qualquer coisa que chamasse a atenção, logo seriam identificados como emigrantes clandestinos e seriam deportados.

É interessante citar o surgimento de casamentos simulados entre nikkeis e não-descendentes para que estes(as) últimos(as) adquiram os mesmos direitos e facilidades burocráticas para trabalhar no Japão. E chegando no Japão o casal logo se separava, pois desde o início não havia

nenhum tipo de vínculo afetivo, interessando apenas o lado burocrático.

Embora a maioria dos casos tenham ocorrido no Peru, onde também ocorre evasão de nikkeis para trabalhar no Japão, é interessante o caso da compra e venda de certidões de registro familiar. Os nikkeis vendiam as cópias de certidão familiar aos peruanos e estes faziam cirurgias plásticas nos olhos para que se assemelhassem aos japoneses. Talvez no caso peruano a situação econômica esteja bem mais gritante que a do Brasil, chegando a este ponto de apelação. De qualquer modo, casamento simulado, compra e venda de certidões familiares e cirurgias plásticas, indicam de uma certa forma que a ida ao Japão como dekasgegui é uma boa alternativa para melhorar de vida.

PERFIL DOS DEKASSEGUIS

A partir dos dados da pesquisa sobre os Dekasseguis (Fundação Toyota, 1992)¹, em termos gerais, notamos que no início do processo emigratório, nos meados da década de 80, os dekassegus eram, na sua maioria, homens casados, chefes de família com 40 a 60 anos, de nacionalidade japonesa, ou então, segunda geração de descendentes japoneses (nisseis), com domínio da língua japonesa. Entretanto, à medida que o movimento emigratório se massificou, sobretudo com a abertura dada pela reforma legislativa da imigração em 1990, o perfil geral do trabalhador nikkei praticamente se inverteu: são jovens de 20 a 30 anos, com proporção equiparada entre homens e mulheres, com bom nível de escolaridade, uma boa parte de solteiros, são da terceira ou quarta geração de descendentes de japoneses nascidos no Brasil, com muito pouco domínio da língua japonesa.

Esta mudança de faixa etária para mais jovem e o número crescente de solteiros deve ser decorrência tanto dos fatores de expulsão (a má situação econômica do Brasil) e por outro lado a atratividade de melhor remuneração, além dos fatores culturais, de querer adquirir experiência e conhecer um outro país. Para tal, existe todo um aparato "tranquilizante" que vem sendo criado, como, por exemplo, a

reformulação legislativa e a criação de mercados locais, isto é, cidades onde se concentram muitos dekassegui brasileiros, o que acaba criando um "ambiente familiar" ou pelo menos não totalmente estranho (tendo alguma "brasilidade" no ar).

OLHAR-SE NO ESPELHO

Sobre a questão cultural enquanto motivo para prolongar a permanência dos dekassegui no Japão, acredito que haja uma dupla dimensão. Por um lado, o dekassegui tem contato com os valores japoneses, mas por outro, juntamente com a emigração massificada de nikkeis brasileiros ao Japão, foi levado um pouco do Brasil. (Arrisco a dizer que seja até um processo inevitável e indo mais além, um processo irreversível). Deste modo, ao mesmo tempo que o dekassegui se encontra fora de seu país, existem sinais de "brasilidade" onde tiver grupos de brasileiros, como nas cidades onde eles mais se concentram.

"Sentir-se em casa fora de casa" pode propiciar o prolongamento no tempo de permanência e até mesmo a fixação de residência no Japão. Assim como a presença de trabalhadores estrangeiros já está (inevitavelmente) acarretando transformações no espaço sócio-cultural, político e econômico do Japão, a residência permanente destes trabalhadores pode futuramente implicar em outras novas transformações. É questionável se os nikkeis não irão formar uma comunidade - formação esta que já deve estar necessariamente em andamento - assim como os seus pais e avós acabaram criando no Brasil quando imigraram na primeira metade deste século. Cabe lembrar que estes imigrantes japoneses tinham o mesmo caráter temporário inicial como os dekassegui de hoje. Se isto ocorrer, o Japão assistirá sérios problemas sociais, não só culturais mas também habitacionais que mesmo para os próprios nativos de hoje são problemas difíceis de se resolver.

Mesmo não chegando a este ponto, a presença de brasileiros nikkeis no Japão, carregando um pouco de sua brasilidade na bagagem, irá inevitavelmente e

irreversivelmente influir no espaço japonês. Os japoneses e os nikkeis brasileiros estarão em constante contato, independente de isso ser bom ou ruim. Os japoneses saberão quem são os nikkeis; saberão quais são as proximidades e as distâncias entre os nativos e os descendentes destes nascidos em outros países; conhecerão outras facetas do Brasil que desconheciam até então e vice-versa (esta noção de reciprocidade é fundamental nesta relação). Neste sentido, a ocupação de um espaço pelos migrantes estrangeiros no Japão pode tanto trazer implicações negativas como criar atritos e segregação, assim como ter um inevitável intercâmbio cultural. Diante disso, ambos os lados podem, ou tornar-se maleáveis e flexíveis, bem como, no outro extremo, negar totalmente o "outro" e reforçar os valores de até então.

Talvez o encontro e o contato entre o japonês e o nikkei seja menos fácil do que com os não-descendentes, pois com estes últimos a diferença é nítida, a começar pela fisionomia. Já com os nikkeis, colocam em questão até que ponto são semelhantes e até que ponto o outro é "estrangeiro". Há quem diga que o japonês nunca considerou o nikkei como um japonês. Mas pode-se assegurar que para se chegar a esta conclusão, ele teve que se questionar e avaliar o outro e a si mesmo, isto é, teve que entrar num processo de reflexão, olhar-se no espelho e comparar-se, olhar para si mesmo para pensar o coletivo. Este processo cabe a ambos. Mas seja lá qual for o desdobramento desta relação, o contato em si implicará em alguma transformação. À medida que o dekassegui vai ocupando seu espaço no Japão, ele vai criando uma identidade que lhe é singular. Ele é e ao mesmo tempo não é japonês; é e não é brasileiro; é um nikkei trabalhando como mão-de-obra barata na terra de seus antepassados. Ele busca no seu passado a construção do seu futuro, não só em termos geográficos mas também culturais, econômicos e materiais.

Cento e cinquenta mil nikkeis trabalhando fora de seu país, em condições de trabalho semelhante, isto é, dentro de uma determinada margem, enfrentando problemas e desfrutando experiências, compartilhando os mesmos sentimentos

como saudades e solidão, conhecendo o 'novo-exótico' e reconhecendo o 'velho-familiar' - são fatores que se combinam e acabam criando uma certa coesão entre os dekassegui e formando assim a sua própria identidade. Cabe questionar se esta identidade de Dekassegui só existirá enquanto estiverem no Japão ou se a mesma persistirá quando retornarem ao Brasil?! E se persistir no retorno, que conotação adquirirá: positiva ou negativa? O retorno ao país de origem pode não ser tão fácil quanto se imagina, uma vez que o emigrante volta com outras 'lentes' que adquiriu na sua experiência enquanto dekassegui.

Às vezes tem-se a sensação de que o dekassegui está traçando a trajetória inversa de seus pais ou de seus avós - os imigrantes japoneses vieram ao Brasil com o mesmo objetivo que os emigrantes brasileiros foram buscar no Japão ("efeito espelho" - a relação entre a imagem e o seu reflexo).

Neste sentido, a experiência migratória é vivida não somente pelo trabalhador estrangeiro, mas também, na mesma proporção, pelos nativos.

**Elisa Massae Sasaki é mestranda em Sociologia, participante do Projeto de Pesquisa "Novos Fluxos Migratórios da População Brasileira" - IFCH/UNICAMP, sob a coordenação de Teresa Sales.*

NOTA

(1) Os dados aqui apresentados foram em grande parte retirados do relatório de pesquisa da Fundação Toyota, resultado da pesquisa de campo em Tomé Açu (PA), Mogi das Cruzes (SP) e Bastos (SP), da qual participei.

BIBLIOGRAFIA

- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS, *A realidade dos trabalhadores nikkeis brasileiros e a sua influência sobre a comunidade nipo-brasileira*, jan.1993, SP, mimeo.

- FUNDAÇÃO TOYOTA (financiamento), *A realidade e a influência dos dekassegui nikkeis brasileiros - comparação entre 3 comunidades nipo-brasileiras. Relatório da equipe brasileira*, 1992, mimeo.

- KATO, H.; MIYAZAKI, S.; SUGO, A. - *Mão-de-obra do Brasil para o Japão: aspectos econômicos e impactos nas empresas do fenômeno Dekassegui*, Centro de Estudos Japoneses da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas, 1992, mimeo.

- SASAKI, Elisa Massae, *Fenômeno Dekassegui - Imigrantes Brasileiros no Japão*, monografia de final de curso (graduação) apresentada na UNICAMP, 1993, mimeo.